

ROUSSEAU E A PESQUISA ACADÊMICA: SOBRE O PROGRESSO E AS TECNOLOGIAS DIGITAIS

Francyhélia Benedita Mendes Sousa

Luciano da Silva Façanha

Lussandra Barbosa de Carvalho

Priscila de Oliveira Silva

Resumo

O presente trabalho tem como objetivo analisar as implicações dos recursos tecnológicos aliados ao ensino e à pesquisa na área de Filosofia e suas problematizações, e de maneira específica, debruçando-se sobre o pensamento do filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau. Contrariando o otimismo no progresso das ciências, das artes e das letras, típico do Iluminismo ou o chamado Século das Luzes, Rousseau aponta para uma degeneração humana e corrupção moral da sociedade de seu tempo. Em outras palavras, o que era considerado um sinal de avanço e aprimoramento da sociedade, segundo Rousseau era o diagnóstico do caminho maléfico que a humanidade estava trilhando. Porém, Rousseau não trata das ciências, das artes e das letras em si mesmas, mas como estas funcionam dentro das relações intersubjetivas numa relação de poder. Para tanto, o artigo se divide em três partes. Primeiramente, será feita uma breve introdução sobre os avanços no ensino de filosofia nos dias atuais, destacando que a disciplina de Filosofia não se sustenta mais apenas na “transmissão” de conteúdos, mas agregando novas tecnologias como forma estratégica para se aproximar da realidade dos educandos, e assim, filosofar de maneira efetiva e pontual. Depois, abordar-se-á de que maneira o próprio Rousseau analisava o progresso de seu tempo. E, finalmente, na terceira parte, será analisado como as redes sociais dão suporte para o desenvolvimento da pesquisa Rousseau no GEPI-ROUSSEAU/UFMA, isto é, como o aspecto físico e presencial está articulado com as ferramentas digitais como blog, whats app e facebook.

Palavras-chave: Rousseau; Progresso; Tecnologias; Educação; Pesquisa.

Abstract

The present study aims to analyze the implications of the technological resources allied to teaching and research in the area of Philosophy and its discussions, and in a specific way, addressing the thought of the Genevan philosopher Jean-Jacques Rousseau. Contrary to the optimism in the progress of the sciences, arts and letters, typical of the Enlightenment or the so-called Century of Lights, Rousseau points to a human degeneration and moral corruption of the society of his time. In other words, what was considered a sign of advancement and improvement of society, according to Rousseau was the diagnosis of the evil path that humanity was treading. However, Rousseau does not deal with sciences, arts, and letters themselves, but how they function within intersubjective relations in a relation of power. For this purpose, the article is divided into three parts. Firstly, a brief introduction will be made on the advances in Philosophy teaching nowadays, noting that the discipline of Philosophy cannot be based only on content "transmission" anymore, but adding new technologies as a strategic way to

approach student's reality, and thus, to philosophize in an effective and punctual way. Then we will examine how Rousseau himself analyzed the progress of his time. Finally, in the third part, we will analyze how social networks support the development of the Rousseau research in GEPI-ROUSSEAU / UFMA, that is, how the physical and face-to-face aspect is articulated with digital tools such as a blog, WhatsApp and Facebook.

Keywords: Rousseau; Progress; Technologies; Education; Research.

1. Introdução

É perceptível o modo com que o ensino de Filosofia evoluiu da antiguidade aos dias atuais. Os pioneiros do pensamento filosófico grego reuniam-se em ágoras com seus alunos. Também os orientais reuniam seus pupilos a fim de propagar o conhecimento. Essa reunião em prol do saber propagou-se, com algumas mudanças, até a atualidade, e esse processo de propagação do saber tem sido modificado através do uso das ferramentas tecnológicas.

Na contemporaneidade, é desafiador pensar o ensino sem os recursos digitais que aliam tempo e distância, é algo que está fora de cogitação nas grandes metrópoles, prova disso é o papel do *WhatsApp*, *Facebook* e dos *Blogs* que facilitam a interação de pesquisas individuais ou em grupo. Além do aprendizado, registra-se e arquiva-se todo o resultado dos encontros e das pesquisas, seja o arquivo em formato textual, sonoro ou através de vídeos. Os maiores beneficiados com essas páginas digitais são os alunos ou pesquisadores em formação, pois cada vez mais cresce o percentual de artigos disponíveis para pesquisas em rede.

As ferramentas digitais, como um produto do progresso, são de fácil manipulação e permitem que o usuário, frequentemente, atualize os dados que, geralmente, são assuntos relativos a uma área específica: literatura, estética, arte ou filosofia, por exemplo.

No século XVIII, o filósofo genebrino Jean-Jacques Rousseau apresentou-se como um crítico ferrenho sobre o progresso, pois, segundo ele, o progresso corrompe a humanidade, degenerando o homem. Busca-se, aqui, refletir acerca de que forma este progresso refletiu no ato de aprendizagem, destacando seus pontos positivos e negativos, apontando o parecer do referido filósofo genebrino, e destacando a forma com que as tecnologias colaboram para manter atuais as pesquisas sobre a filosofia de Rousseau na UFMA, especificamente do grupo de estudo e pesquisa GEPI-ROUSSEAU.

2. O Ensino de Filosofia na Atualidade

A Filosofia foi instituída como uma disciplina obrigatória em todas as séries do ensino médio (Inciso acrescido pela Lei nº 11.684, de 2-6-2008). Pesquisas têm sido desenvolvidas, desde então, com a tentativa de criar condições para que a disciplina seja exercida com autonomia, clareza e objetividade.

Desde a infância, o ser humano é movido por perguntas e pela curiosidade sobre tudo que observa. Alejandro Cerlleti em seu livro *O Ensino de Filosofia como Problema Filosófico* indica que “[...] o que move alguém a filosofar é o desafio de ter

que dá conta permanentemente de uma distância ou de um vazio nunca é preenchido, satisfeito [...]” (CERLETTI, 2009, p. 27). O professor de filosofia deve buscar a promoção de um saber em contínuo movimento. Nas aulas, são as perguntas que devem ser privilegiadas, sem descartar a importância das respostas geradas em uma discussão. O importante é perceber o processo de desenvolvimento do aluno, perceber como ele se esforça diante da tentativa de encontrar uma resposta para resolver os temas trabalhados pelo professor em sala de aula.

Cerlleti (2009) informa que o “perguntar filosófico” deve ser a estratégia adotada para o desenvolvimento da aula de Filosofia. Tomando essa postura, professores e alunos não se darão por satisfeitos diante das primeiras respostas através de um debate. Pelo contrário, buscarão examinar se esta resposta que foi obtida será capaz de abarcar e atender a complexidade do assunto tratado.

O que Cerlleti (2009) considera como importante é não tentar lecionar a disciplina de Filosofia como uma disciplina carregada de conteúdos filosóficos que são repassados para classe de forma técnica e decorativa. É importante explorar o “arsenal” de problemas e questões que a Filosofia proporciona ao educando e, criativamente, tentando recriá-los no ambiente escolar, mas com a intenção de perceber neles uma contribuição no processo de ensino e aprendizagem. O aluno não deve apenas receber o conteúdo e a informação que o seu professor oferece. Ele deve ser capaz de interagir ao lado do mestre, despertando sua natureza criativa, isto é, problematizando através de perguntas e respostas.

O professor de Filosofia pode desenvolver, no ambiente escolar, um espaço para que dialogue com os seus alunos sem se prender somente aos conteúdos programáticos. O educador pode convidar os alunos a participarem da aula, percebendo como cada estudante corresponde por meio de seu discurso sobre o assunto tratado. Através de uma “aula-dialógica”, ele pode perceber as deficiências de alguns alunos em formular discursos. Pode avaliar como a turma está apreendendo o conteúdo e o que ela está desenvolvendo através do que aprende. Esta é a Filosofia que Cerlleti (2009) indica: aquela que problematiza e que desperte para a prática do filosofar.

Por ser uma área do saber sujeita a ser explorada por diversas maneiras na prática docente, o professor de filosofia pode utilizar recursos para melhorar suas aulas e desenvolver os conteúdos com inovação e criatividade. Ele pode trabalhar com filmes e documentários e imagens que abordem questões filosóficas, capazes de gerar discussões em sala de aula. O professor de filosofia pode utilizar a tecnologia como uma aliada no processo de ensino e aprendizagem, é o que destaca Josemi Teixeira Medeiros em *A Aplicação do Blog no Ensino da Filosofia* ao afirmar que

As ferramentas tecnológicas vistas a partir de uma perspectiva do senso comum são percebidas como instrumento empregado nas atividades que envolvem as relações humanas, com atenção especial na educação. Portanto, para os estudiosos da área as tecnologias são vistas não como meras atividades econômicas, mas como um modo de ampliar os processos educacionais, isso demonstra que a utilização da informática vai além do uso em setores administrativos. Isto é, a escola poderá incorporar estes meios como uma possibilidade de ampliar as capacidades de investigar, construir, explorar ao máximo as diversas vantagens que as tecnologias podem oferecer à educação. (MEDEIROS, 2009, p. 8612).

É nesse sentido que percebe-se que não só o homem contemporâneo está utilizando a tecnologia em diversos setores da vida, mas também as instituições escolares e universidades reconhecem cada vez mais a importância de utilizar ferramentas tecnológicas no ambiente escolar como forma de melhorar os processos de ensino e aprendizagem buscando proporcionar ao aluno a utilização da tecnologia a fim de auxiliá-lo nos problemas e nas tarefas complexas. A respeito da tecnologia, Medeiros ainda nos informa que

É necessário que a tecnologia, presente nas escolas, seja incorporada de maneira que contribui na formação dos indivíduos e não apenas como ferramenta ideológica dos processos políticos. Há naturalmente, um grande clamor por parte dos educandos de que a escola precisa evoluir com a modernização dos recursos didáticos e metodológicos, porém isso não pode acontecer de forma arbitrária. Mas, que os envolvidos no processo direcionem uma formação adequada para a construção do saber. A educação possibilita que todos os interessados possam interagir no próprio processo, principalmente através das novas tecnologias digitais. É um processo de mudança, em que deve permitir ao educando a saída do estado de um agente passivo, que somente recebia informações, para tornar-se o sujeito da própria ação do processo educação. (MEDEIROS, 2009, p. 8612-8613).

Observa-se que a educação, quando auxiliada pelos instrumentos tecnológicos tende a aumentar o campo de possibilidades para o desenvolvimento do educando, para que o aluno perceba o emaranhado de ferramentas que podem ser produtivas para desenvolver um conhecimento em sala de aula que será útil e ganhar praticidade em sua realidade fora da Escola.

Percebe-se, então, que as tecnologias podem contribuir para a uma nova paisagem a ser contemplada no ambiente escolar e acadêmico: a de que o estudante deve ser o protagonista no processo de ensino e de aprendizagem e que auxiliado pelo professor, deve ter a consciência de que as tecnologias são capazes de contribuir para o conhecimento de forma vasta, tornando rica em conteúdo, informação e aprendizado.

Mas antes de refletir sobre a contribuição das tecnologias digitais para a Filosofia, especificamente, no meio acadêmico de pesquisa do Grupo de Pesquisa J-J Rousseau/UFMA, é necessário explorar um pouco sobre a forma com que o filósofo Jean-Jacques Rousseau refletiu sobre o progresso e suas implicações.

3. Rousseau e o Progresso

No século XVIII, não era unânime a ideia iluminista de louvar a ciência e o progresso. Jean-Jacques Rousseau ficou conhecido após manifestar suas reflexões filosóficas acerca da seguinte questão levantada pela Academia de Dijon em 1750: “O reestabelecimento das ciências e das artes terá contribuído para aprimorar os costumes?” O genebrino chama a atenção surpreendendo a todos ao afirmar que o surgimento das ciências e das artes degeneraram os costumes em vez de fazê-los evoluir. Dessa forma, escreve seu *Discurso sobre as ciências e as artes* e afirma sobre a degeneração humana:

Atualmente, quando buscais mais sutis e o gosto mais fino reduziram a princípios a arte de agradar, reina entre nossos costumes uma uniformidade desprezível e enganosa, e parece que todos os espíritos se fundiram num

mesmo molde: incessantemente a polidez impõe, o decoro ordena; incessantemente seguem-se os usos e nunca o próprio gênio. Não se ousa mais parecer tal como se é e, sob tal coerção perpétua, os homens que formam o rebanho chamado sociedade, nas mesmas circunstâncias farão todos as mesmas coisas desde que motivos mais poderosos não os desviem. Nunca se saberá, pois de quem se trata: será preciso, portanto, para conhecer o amigo, esperar pelas grandes ocasiões, isto é, que haja mais tempo para tanto, porquanto para essas ocasiões é que teria sido essencial conhecê-lo. (ROUSSEAU, 1978, p. 336-337).

Uma vez feito o diagnóstico da sociedade de seu século, Rousseau também indagou sobre a origem da desigualdade entre os homens e acerca da relação natureza/homem, em que a natureza ocupa o lugar de uma “mãe” em relação ao homem, afastando-o dos males que o precede.

Segundo o filósofo, o homem primitivo vivia em estado de graça até que:

[...] começou a fabricar vários objetos, os quais despertaram em si mesmo sentimentos de vaidade e ambição. Depois, quando passou a competir nos cantos e nas danças, e em todas as outras artes, o orgulho, a inveja e os desapontamentos começaram a agitar-se em seu íntimo, e ele caiu nas garras da rivalidade, cada qual procurando sobrepujar o outro. (ROUSSEAU, 1978, p. 218).

Rousseau estava fazendo um diagnóstico dos povos civilizados, do próprio surgimento desse Estado como proveniente da desigualdade econômica entre os homens; desse homem europeu que mergulha o mundo, alternadamente, ora em sangue, ora na riqueza: na abundância desnecessária, de um lado, e na miséria de outro.

O genebrino não queria, como se pensou, que o homem retornasse ao seu estado primitivo, pois afirma que “[...] a natureza humana não retrocede [...]” (ROUSSEAU, 1988, p. 935), mas o que ele desejava era que o ser humano recuperasse

[...] sua dignidade como pessoa humana; elevando, futuramente, a política até o nível de todas as criaturas humanas existentes na terra, por mais pobres e ignorantes que estas fossem; ora, Rousseau estava simplesmente, almejando um contrato que possibilitasse legitimar o Estado por uma sociedade, que devolvesse ao homem, a partir de uma vontade geral, geradora de um corpo moral coletivo, o povo – detentor de uma soberania indivisível e inalienável, fundamento da autoridade política de que todos participariam e que assegurasse a liberdade e a dignidade de cada um, também, que não mais corrompesse os homens. (ROUSSEAU, 1978, p. 221).

Para o pensador de Genebra, mais vale os cidadãos revelarem-se virtuosos do que simular o que não são, notados por todo mundo, como faziam as pessoas do século XVIII que, em nome da inserção no meio social, não podendo ser eles próprios, representavam, criando personagens para si, a fim de agradar a sociedade. Percebe-se, assim, a diferença entre “amor de si” e “amor próprio” na filosofia rousseauiana:

O amor a si mesmo, que só a nós diz respeito, satisfaz-se quando nossas necessidades estão satisfeitas; mas o amor-próprio, que se compara, nunca está satisfeito e não poderia estar, porque tal sentimento, em nos preferindo aos outros, exige também que os outros nos prefiram a eles; o que é impossível. (ROUSSEAU, 1995, p. 236-237).

Todavia, a relação baseada na ternura e nas afeições é proveniente do “amor a si mesmo”, e as baseadas nas paixões irascíveis, no ódio e na repugnância, surgem do “amor-próprio”.

É importante destacar que Rousseau não é contra o progresso da ciência ou do desenvolvimento, sua crítica é voltada para a forma com que o progresso se dá ante a degeneração do gosto e criação de um véu social que mascara o verdadeiro homem, como se observa na obra *História e Representação* da pesquisadora Maria das Graças:

Ocorre que, historicamente, não há ciências e artes em si mesmas. Elas nasceram, e só podiam ter nascido em sociedades nas quais uma certa desigualdade já permitia que alguns poucos se dedicassem ao estudo e à contemplação da natureza. Dessa forma, as ciências e as artes já nasceram, por assim dizer, contaminadas pelas circunstâncias nas quais surgiram. (SOUZA, 2001, p. 78).

Priscila Silva em *O romance como antídoto em Jean-Jacques Rousseau* também destaca a posição de Rousseau não como um crítico das ciências, das artes e das letras em si mesmas, mas como esses artifícios são usados no jogo das relações de poder. Aliás, Silva afirma que o próprio Rousseau sabia da interpretação que faziam dele, o que podemos ver em *Prefácio de Narciso ou o Amante de si mesmo* na afirmação do filósofo:

A ciência não serve para nada e sempre causa tão-somente o mal, pois é má de natureza. É tão inseparável do vício quanto ignorância da virtude. Todos os povos letrados sempre foram corrompidos; todos os povos ignorantes sempre foram virtuosos; numa palavra, só existem vícios entre os sábios, e homens virtuosos, entre aqueles que nada sabem. Existe, pois, para nós, um meio de nos tornarmos pessoas de bem – será apressarmo-nos a proscrever a ciência e os sábios, queimar nossas bibliotecas, fechar nossas academias, colégios e universidades, e tornarmos a mergulhar em plena barbárie dos primeiros séculos. (ROUSSEAU, 1978, p. 420).

Silva (2016) argumenta que Bento Prado Júnior em seu livro *A retórica de Rousseau e outros ensaios* chama a atenção de que o texto irônico apresentado por Rousseau consiste não só em recomendar a leitura do primeiro *Discurso*, e mostrar que a simplificação extrema das próprias ideias anula completamente o seu sentido para facilitar sua argumentação e defesa. Na verdade, a caricatura de suas próprias teses era uma interpretação frequente de seu pensamento.

É baseado nessas más interpretações, segundo Silva (2016), que Rousseau afirma que seu século está determinado a não compreendê-lo, e o que poderia parecer ser a confissão da contradição, na verdade, se mostra como explicação necessária. O equívoco no texto caricato que Rousseau apresenta está no fato de que as análises imediatas de um tempo específico – as críticas de Rousseau às ciências, às letras e às artes de seu tempo – são tomadas como os valores absolutos das coisas em si, e o que é o diagnóstico e a genealogia de uma cultura específica são apresentadas como parte de um sistema normativo universal atemporal. É nesse sentido que Prado Júnior afirma:

O juízo acerca das artes e das ciências não é e não pode ser, portanto, da mesma ordem que aquele que anuncia *isto é preto* ou *isto é branco*, pois o objeto do juízo é inseparável das relações históricas e *contingentes* que o cercam e o constituem: o conhecimento do homem é, por assim dizer, *clínico*, no duplo sentido de visar a uma situação singular, efêmera, e de atravessá-la em direção à sua possível modificação. O juízo acerca das artes e das ciências é feito *no meio [milieu] do Século*, sem se demorar, como seria possível, no inventário de outras histórias que poderiam ter-se desenrolado. (PRADO JÚNIOR, 2008, p. 211).

Dessa forma, ao afirmar que as letras, as artes e as ciências contribuíram para a degeneração dos costumes não é o mesmo que dizer “isto é preto ou isto é branco”, pois Rousseau jamais tratou das artes, das ciências e das letras em absoluto, da coisa em si, de uma identidade numênica, eterna e imutável, mas sim de sua funcionalidade, de seu uso dentro das relações de poder em sociedade (SILVA, 2016) o que fica mais claro na distinção entre “a ciência tomada de uma maneira abstrata” e a “louca ciência dos homens” no *Prefácio* como o próprio filósofo afirma:

Demonstrei que a fonte de nossos erros, nesse ponto, resulta de confundirmos nossos conhecimentos vãos e enganadores com a inteligência soberana que, num só golpe de vista, discerne a verdade de todas as coisas. A ciência tomada de modo abstrato, merece toda nossa inteira admiração. A louca ciência dos homens é digna unicamente de escárnio e de desprezo. (ROUSSEAU, 1978, p. 421).

Infere-se desta afirmação que não existiu um progresso em si, pois ele surge em meio a uma desigualdade social, em que poucos tiveram acesso à ciência e às artes, e acaba por sustentar ainda mais essa desigualdade e a depravação dos costumes.

Para Rousseau, é necessário conservar os costumes, pois, uma vez perdidos, não é mais possível recuperá-los. Mas será possível proteger o povo da corrupção? De que forma? Rousseau responde:

Mas quando um povo já se corrompeu até um certo ponto, quer as ciências tenham, quer não, contribuído para tanto, será preciso bani-las ou se preservar delas para torná-lo melhor ou impedi-lo de tornar-se ainda pior? Esta é outra questão, em relação à me declarei positivamente pela negativa. Pois, em primeiro lugar, uma vez que um povo corrupto nunca mais volta à virtude, não se trata mais de tornar bons aqueles que não são, mas de conservar assim aqueles que têm a felicidade de sê-lo. Em segundo lugar, as mesmas causas que corromperam os povos servem algumas vezes para prevenir uma corrupção ainda maior. (ROUSSEAU, 1978, p. 426).

O processo se constitui, de acordo com Silva (2016), no tratamento dos doentes recorrendo ao mesmo veneno que os adoeceu, pois, conforme Rousseau no *Prefácio de Narciso*, “[...] aquele que estragou o seu temperamento com um uso imprudente de remédios, vê-se forçado a recorrer ainda aos médicos para conservar-se com vida [...]” (ROUSSEAU, 1978, p. 426), da mesma forma ocorre com as ciências e as artes quando “[...] depois de terem feito os vícios brotarem, são necessárias para impedi-los de se tornarem crimes, cobrindo-os de um verniz que não permite que o veneno se evapore tão livremente [...]” (ROUSSEAU, 1978, p. 426). Ora, olhando para o tempo atual, as mídias digitais fazem parte da nossa realidade e é preciso adotá-las e não ignorá-las.

Neste norte, observa-se, na contemporaneidade, que esta temática se mantém atual, haja vista que as tecnologias digitais, como instrumentos do progresso em prol da sociedade, facilitam também a inserção de um indivíduo num dado meio. Tem-se *sites, blogs, Facebook, Instagram, WhatsApp* e outras mídias digitais que promovem, principalmente, as relações pessoais. Essas ferramentas surgiram como uma necessidade da época em que vivemos, na qual as informações e interações são globalizadas. Nesses ambientes, a imagem, geralmente, é o foco principal, e cada um apresenta-se exatamente como deseja ser visto em busca de aceitação e curtidas.

Por outro lado, no meio escolar e acadêmico, essas mídias, e o progresso que representam, aliam-se à aquisição e propagação de conhecimento, como se observa no tópico seguinte.

4. Pesquisa acadêmica e mídias digitais: GEPI ROUSSEAU/ UFMA

O mundo entrou na era digital, da multimídia, da união e articulação dos mais variados meios de comunicação. Como o desenvolvimento das mídias digitais, é possível cruzar as tecnologias da informática, da televisão, da rádio e da telefonia. Segundo Vieira e Gligio:

A nova ordem mundial tem como principal característica o fenômeno da globalização. Esta pode ser definida como a “intensificação das relações sociais em escala mundial, que ligam localidades distantes de tal maneira que acontecimentos locais são modelados por eventos ocorrendo a muitas milhas de distância e vice-versa. Este é um processo dialético e dialógico porque tais acontecimentos locais podem se deslocar numa direção inversa às relações muito distanciadas que o modelam. (VIEIRA; GLIGIO, 2015, p. 18).

Neste meio, o crescimento de sites, de blogs e de dispositivos online que facilitam o envio e a troca de informações multiplicou-se nos últimos anos. Todavia, para a área da educação, todo esse desenvolvimento tem duas faces. Numa delas, está a vantagem de acesso a muitos materiais de pesquisa em banco de dados de universidades de diferentes países, acesso esse que seria impensável antes do advento da internet. Por outro lado, essa facilidade de acesso a informação pode prejudicar o desempenho do estudante colocando-o no “modo automático” absorvendo informações sem sobre elas refletir, sem questionar suas origens já que o conteúdo está tão esmiuçado em blogs e sites de pesquisa.

Neste meio, surge a figura do professor pesquisador, que tenta aliar o ambiente de sala de aula ao espaço do grupo de pesquisa para atrair a atenção do aluno na tentativa de despertar neste não apenas o interesse por um dado assunto, mas a necessidade de nele se aprofundar, a questionar, a procurar respostas inserindo-o na pesquisa acadêmica.

Criado em 2006, pelo Prof. Dr. Luciano Façanha da Silva, o grupo de Pesquisa Interdisciplinar Jean-Jacques Rousseau (GEPI ROUSSEAU/UFMA) mantém-se atual e dinamizado através dos encontros semanais promovidos na Universidade Federal do Maranhão, no prédio do Centro de Ciências Humanas todas as segundas-feiras às 18 h.

Do período de sua criação até o presente momento, muitas coisas mudaram no que tange à promoção e divulgação do grupo dentro e fora do meio acadêmico.

No início, os encontros ocorriam nas salas do curso de Filosofia e contavam com a presença de cerca de seis alunos. Atualmente, somam-se a estes outros alunos devidamente registrados no diretório de grupos de pesquisa do CNPq. Muitas mudanças ocorreram desde a criação do grupo há doze anos, pois, hoje, os encontros ocorrem num espaço próprio, numa sala equipada com ar-condicionado, mesas, cadeiras, armário para o acervo bibliográfico, computador e telefone, tudo graças a um projeto desenvolvido junto à FAPEMA com vistas a incentivar a pesquisa acadêmica na área de humanidades na UFMA. Mas nada disso seria possível sem o empenho dos alunos e do incentivo do professor para que os mesmos ingressem e permaneçam na pesquisa científica.

Desde sua criação, o grupo já promoveu colóquios, seminários nacionais e internacionais, além de três congressos, todos envolvendo temáticas que abrangem as reflexões filosóficas de Jean-Jacques Rousseau.

Figura 1 – Tela da página do GEPI ROUSSEAU/UFMA no Facebook



Fonte: Facebook (2018)

Todavia, é preciso reconhecer a importância das mídias digitais nesse processo, pois, a princípio, os encontros do grupo eram divulgados timidamente nos corredores de do curso de Filosofia, depois, o professor passou a enviar e-mails informativos para os alunos que divulgavam entre os demais, até surgir a necessidade de serem desenvolvidos o grupo do whatsapp com a presença de todos os integrantes do grupo, o blog (<http://gepijrousseau.blogspot.com/>), a página no facebook, além de outras formas de divulgação em diferentes espaços virtuais.

Figura 2 – Tela do Blog do GEPI ROUSSEAU/UFMA



Fonte: Blogspot (2018)

É importante frisar que a criação de um blog como “estratégia pedagógica” funciona em quatro formas: Portfólio Digital; Espaço de intercâmbio de colaboração; Espaço de debate; e Espaço de integração. A primeira forma pode ser um mecanismo de avaliação, na qual o professor avalia o envolvimento da turma através de postagens que estes fazem. A segunda forma diminui o distanciamento entre diferentes instituições, alunos e contextos ao propiciar um espaço virtual de troca de experiências e convívios. A terceira forma abre um caminho para o respeito aos diferentes pontos de vistas na medida em que serve como um espaço onde dois grupos debatem entre si para defenderem suas ideias conflitantes acerca de um tema específico. E, finalmente, o blog como espaço de interação, como o que ocorre no GEPI ROUSSEAU/UFMA, serve como plataforma que permite a interação de minorias étnicas e culturais, promovendo o intercâmbio e conhecimento com a “diferença”.

Fez-se, ainda, para este trabalho, uma breve entrevista com um integrante do grupo, César Henrique de Paula Borralho, acerca da influência das mídias digitais na rotina do mesmo?

Nós: De que forma, você avalia a inclusão das mídias na rotina do GEPI ROUSSEAU/UFMA?

César: Elas são necessárias, à medida que cumprem a função de levar a informação, além de poupar gastos e deslocamentos.

Nós: Você gostaria se os encontros do grupo ocorressem totalmente online?

César: Seria uma tragédia, pois embora esses meios digitais sejam úteis como suporte, é de extrema importância a presença física, os sorrisos por algo inusitado, os abraços. Penso.

Nós: Na sua opinião, Rousseau seria a favor ou contra o uso de tais mídias para a promoção da pesquisa acadêmica? Por quê?

César: Tudo o que não é natural não agrada Rousseau. Mas do jeito que ele era afeito à solidão, tão necessária a ele, tudo o que lhe poupasse tempo e oferecesse sossego lhe seria absolutamente útil.

Atualmente, os encontros do GEPI ROUSSEAU/UFMA são marcados e confirmados via whatsapp e por e-mail. Nesses espaços, os alunos interagem sobre

as dúvidas frequentes que surgem durante suas pesquisas, bem como discutem sobre temáticas atuais que abrangem o pensamento do cidadão de genebra.

5. Considerações Finais

Destacou-se neste trabalho que o ensino de Filosofia deve seguir a característica essencial do filosofar, que é pensamento crítico e ativo acerca dos conceitos e problemas não só do passado, mas do contexto atual. Para isso ocorrer, é preciso não se prender às formas tradicionais de ensino, mas olhar em volta, perceber as ferramentas que fazem parte do dia-a-dia dos alunos.

Reafirmando a assertiva de Cerletti, o perguntar filosófico é uma estratégia que deve buscar mecanismos que auxiliem no desenvolvimento da aula e que atraiam os alunos. Pensar sobre essas questões é perceber e admitir que a concepção de educação no que se refere ao processo de ensino-aprendizagem em apenas “transmitir” conteúdos se torna infértil e trilha ao fracasso.

Viu-se que, no século XVIII, Rousseau não via o progresso com bons olhos, criticando a forma com que a sociedade portava-se ante o mesmo e que essa temática matem-se atual, haja vista que o progresso (representado neste trabalho pelas mídias digitais) possui duas faces, podendo ajudar ou prejudicar a qualidade da vida acadêmica. Dessa forma, foi possível observar que a crítica que Rousseau fez ao progresso, especificamente às ciências, às artes e às letras, foi feita de forma muito específica. O filósofo não era contra aos “sinais do progresso”, mas à forma como eram utilizadas nas relações de dominação na sociedade.

O que Rousseau propunha era utilizar as ciências, as letras e as artes de uma forma diferente da lógica da sociedade de sua época baseada nas astúcias do amor próprio, e não aniquilá-las. Aliás, o genebrino entendia que para falar com a sociedade, ainda que corrompida, era necessário falar sua linguagem, caso contrário, não há comunicação. Em outras palavras, utilizar do próprio veneno para obter o antídoto, o que nos remete às mídias digitais.

As ferramentas digitais fazem parte da nossa realidade, e consequentemente do ambiente escolar e acadêmico, e ignorar essa realidade dificulta a comunicação entre professores e alunos e impossibilita um ambiente propício onde a educação acompanha as novas demandas da sociedade.

Contudo, buscou-se destacar como esse progresso favoreceu para que o conhecimento se propagasse no meio acadêmico, tendo como objeto de pesquisa o GEPI ROUSSEAU/UFMA. Como “recurso pedagógico”, as mídias digitais são ferramentas de informação especializada e ambiente de informação disponibilizada pelo professor e pelo grupo de pesquisa. Com esses recursos, os alunos são incentivados a pesquisar e aprofundar os conteúdos trabalhos.

Tais ferramentas surgiram como uma necessidade da época em que vivemos, na qual as informações e interações são globalizadas. Cabe aos alunos agora direcionar essa tecnologia para a promoção e propagação de ideias, compartilhando a produção de saberes e experiências.

REFERÊNCIAS

MEDEIROS, Josemi Teixeira. A Aplicação do Blog no Ensino da Filosofia. In: CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO, 9., 2009. **Anais...** Curitiba: EDUCERE, 2009.

CERLLETI, Alejandro. **O ensino de filosofia como problema filosófico**. Tradução de Ingrid Müller Xavier. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2009.

PRADO JÚNIOR, Bento. **A retórica de Rousseau e outros ensaios**. Organização e apresentação: Franklin de Mattos. Tradução: Cristina Prado. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

ROUSSEAU, J-J. **Ensaio sobre a origem das línguas**: Discurso sobre a origem e os fundamentos da desigualdade entre os homens. Discurso sobre as ciências e as artes. Prefácio de Narciso ou o amante de si mesmo. Tradução: Lourdes Santos Machado. 2. ed. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

_____. **Os devaneios do caminhante solitário**. Tradução: Fúlvia Maria Luiza Moretto. 3. ed. Brasília: Editora da Universidade de Brasília, 1995.

SILVA, Priscila de Oliveira. **O Romance como antídoto em Jean-Jacques Rousseau**. 2017. 91 f. Dissertação (Mestrado) - Programa de Pós-graduação em Cultura e Sociedade/CCH, Universidade Federal do Maranhão, UFMA, 2017.

SOUZA, Maria das Graças de. História e Declínio: Rousseau. IN: _____. Ilustração e história: o pensamento sobre a história no iluminismo francês. São Paulo: Discurso Editorial, 2001. São Paulo: Abril Cultural, 1978.

SOUZA, Márcio Vieira de; KAMIL, Giglio. **Mídias digitais, redes sociais e educação em rede**: experiências na pesquisa e extensão universitária: vol. 1. São Paulo: Blucher. 2015